

**GEOGRAFIAS FEMINISTAS, ACADEMIA E MILITÂNCIA:  
REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO DE MULHERES DA  
REDE DATALUTA NO BRASIL**

**GEOGRAFÍAS FEMINISTAS, ACADEMIA Y MILITANCIA:  
REFLEXIONES SOBRE LA EXPERIENCIA EN EL COLECTIVO DE MUJERES  
DE LA RED DATALUTA EN BRASIL**

Silmara Oliveira Moreira BITENCOURT<sup>1</sup>  
Lara Dalperio BUSCIOLI<sup>2</sup>  
Janaina Francisca de Souza Campos VINHA<sup>3</sup>  
Marcia A. PERTUZ<sup>4</sup>

**Resumo:** O coletivo de Mulheres da Rede Dataluta no Brasil nasce como expressão da necessidade de repensarmos tanto os espaços nos quais se faz e constrói geografia (agrária), bem como as estruturas sociais que estão postas e que atravessam a vida das mulheres, inclusive nos espaços acadêmicos. Nesse texto, apontamos os principais desafios que enfrentamos nos contextos em que vivemos, a partir da revisão bibliográfica e compilação de informações via formulário eletrônico. Com uma trajetória conjunta, também compartilhamos as experiências nas quais vivenciamos as violências, as opressões, a misoginia, o androcentrismo e o machismo nas universidades e nas nossas áreas de atuação. Muitas de nós, pesquisadoras, estudantes, professoras, mães ou cuidadoras, temos visto a tríade do patriarcado-racismo-capitalismo. Com o tempo, temos vislumbrando o refúgio numa *praxis* feminista que se preocupa com os cuidados coletivos entre nós mulheres e nossas corporalidades racializadas e sexualizadas, encontrando possibilidades de transformação na auto-organização e militância.

**Palavras-chave:** Mulheres; Trabalho, Cuidado; Geografia Agrária; DATALUTA.

**Resumen:** El colectivo de Mujeres de la Red Dataluta en Brasil, nace como expresión de la necesidad de repensarnos tanto los espacios en los que se hace y construye geografía (agraria), así como, las estructuras sociales impuestas y que atraviesan la vida de las mujeres, inclusive en los espacios académicos. Este texto recoge los principales desafíos que enfrentamos como mujeres en los contextos en que vivimos, a partir de la revisión bibliográfica y recopilación de informaciones por medio de un formulario electrónico. Con una trayectoria conjunta, nos propusimos compartir las experiencias en que hemos vivenciado las violencias, misoginia, el androcentrismo y el machismo en las universidades y en nuestras áreas de acción. Muchas de nosotras, siendo investigadoras, estudiantes o profesoras madres y cuidadoras, hemos visto materializar en nuestras vidas la traída patriarcado-racismo-capitalismo. Con

<sup>1</sup>Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2021/01632-7. Pesquisadora da Rede DATALUTA. E-mail: [moreira.sillmara@gmail.com](mailto:moreira.sillmara@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9961-7868>.

<sup>2</sup>Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2019/16813-7. E-mail: [lara.buscioli@unesp.br](mailto:lara.buscioli@unesp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9741-6883>

<sup>3</sup>Docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, Departamento de Geografia. Coordenadora do Núcleo de Estudos Territoriais e Agrários (NaTERRA). Pesquisadora da Rede DATALUTA. E-mail: [janaina.vinha@uftm.edu.br](mailto:janaina.vinha@uftm.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8763-4465>

<sup>4</sup>Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2019/27196-9. E-mail: [marcearteaga1982@gmail.com](mailto:marcearteaga1982@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1961-0541>

el tiempo hemos vislumbrando un refugio en una praxis feminista que se preocupa con los cuidados colectivos entre nosotras mujeres y nuestras corporalidades racializadas y sexualizadas; encontramos posibilidades de transformación en la auto-organización y militancia.

**Palabras clave:** Mujeres; Trabajo; Cuidado; Geografía Agraria; DATALUTA.

## Introdução

Durante nossa trajetória na Geografia, enquanto mulheres, temos vivenciado em nosso próprio corpo as desigualdades e imposições derivadas de um modelo dominante definido pela leitura eurocêntrica e androcêntrica da realidade que desconsiderou, por séculos, as relações de gênero (COUTINHO, 2020). No Brasil, para além da reprodução desses valores, temos observado como o racismo se constitui como outro demarcador dos espaços de produção e socialização do conhecimento, tendo também efeitos na epistemologia da geografia, constituída eminentemente, na sua origem, como uma “ciência branca” (MARÇAL, FERREIRA, FRANCISCO DE SOUZA, 2020).

No país, com a configuração teórico-epistemológica da Geografia Agrária, abriu-se caminho para a militância acadêmica e a construção de pontes entre os movimentos e as organizações populares com a própria academia, ratificando o compromisso político com a transformação das relações de opressão, domínio e controle, definidas e definidoras do modelo de produção capitalista e todas suas expressões violentas (VINHA, 2021). Contudo, com o predomínio de uma leitura de classe, se abandonou, quase por completo, a crítica às relações patriarcais e racistas.

É a partir da década de 1990, que categorias como gênero, raça e sexualidade foram parte das preocupações da disciplina (NUNES, et. al, 2018). Ainda que esses temas venham sendo incorporados e tenham ocupado mais espaços recentemente, continuam sendo forçados ao confinamento e às margens, inclusive nos estudos agrários críticos, cuja tradição está profundamente vinculada ao marxismo. Os importantes avanços realizados pelo feminismo marxista e a incorporação de seus debates no mundo do trabalho, especificamente nos espaços que revelam as contradições entre o agronegócio e o campesinado atreladas às relações de gênero (FRANCO-GARCÍA, 2004, 2017), até hoje, estão fadados ao desconhecimento - dadas as formas hierarquizadas em que se (re)produz o pensamento da Geografia Agrária brasileira.

Essas formas hierarquizadas também resultaram na expulsão das mulheres dessa corrente de estudo, assim como da própria disciplina. Tal expulsão é expressão do que acontece na ciência no seu conjunto, que, como indica Diana Maffia (2007) tem:

“[...] um duplo resultado: impedir a nossa participação nas comunidades epistêmicas que constituem e legitimam o conhecimento e, expulsar as qualidades consideradas como ‘femininas’ de tal construção e legitimação, e inclusive considerá-las como obstáculos. Não só as mulheres, têm ficado fora destas comunidades. Muitas masculinidades subalternas pela subjetividade hegemônica também foram expulsas (MAFFÍA, 2005a)” (MAFFIA, 2007, p. 64, tradução livre).

Mulheres e sujeitos com masculinidades não hegemônicas, sexualidades não heteronormativas e racializados, que se interessam pelos estudos agrários críticos, enfrentam a tarefa histórica de ocupar estes espaços e abrir *fissuras* nas comunidades brancas e masculinizadas. Essas comunidades manifestam uma visão de mundo androcêntrica e colonizada, reproduzida não só na forma em que se pensam e analisam as relações do campo, mas nas relações de poder que se constroem no interior dos espaços acadêmicos. Mesmo no campo dos estudos descoloniais que se dedicam aos conflitos agrários e a luta pelos territórios travada pelos povos tradicionais, a geografia continua reproduzindo-se como uma disciplina masculinizada.

Assim, apesar da abertura às leituras feministas, o avanço destas linhas temáticas nos estudos, pesquisas, disciplinas ou programas acadêmicos ainda é tímido. Mesmo assim, com a prática e militância, temos conquistado avanços significativos, com a criação, por exemplo, de movimentos e coletivos de mulheres e feministas no interior das universidades, bem como a conformação de grupos de estudos/pesquisa de gênero e raciais que se dedicam à análise da configuração territorial e espacial.

Contrariando algumas premissas equivocadas, as quais entendem que não existem possibilidades de uma leitura feminista sobre a questão agrária do país e da própria América Latina e Caribe, os estudos que se inclinam às questões de gênero, étnico-raciais, das sexualidades e dos corpos, como escala territorial e espacial, vem construindo diálogos com base no questionamento do patriarcado e do capitalismo. Todavia, como veremos ao longo desse dossiê, é a experiência o ponto de partida principal que nos reúne e identifica para debatermos essa temática.

É por isso que o presente texto tem como objetivo refletir a realidade vivida pelas mulheres e os principais desafios nos espaços acadêmicos, de maneira particular, àquelas que compõem o Coletivo de Mulheres da Rede DATALUTA - Rede Brasileira de Pesquisa das Lutas por Espaços e Territórios.

Para atingirmos tais objetivos, foram empregados os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica dos principais temas do trabalho e levantamento de informações, através do preenchimento de formulário eletrônico *Google Forms*. Com a finalidade de categorizar as informações, após análise dos formulários, construímos, através de planilha do *Microsoft Excel*, uma tabulação dos dados, agrupando-os em temas gerais, para então representá-los de acordo com a intensidade que apareceram.

O texto está organizado em três eixos centrais. Inicialmente, em “A construção Coletivo de Mulheres da Rede DATALUTA”, apresentamos o histórico da constituição desse coletivo, procurando abordar as contradições e resistências que permeiam a sua formação, bem como as estruturas sociais que postas e que atravessam a vida das mulheres, inclusive no espaço acadêmico.

No tópico “Entre companheiras, nós somos!” analisamos os dados e depoimentos obtidos sobre a realidade vivida pelas mulheres que compõem o Coletivo nos diferentes espaços de atuação acadêmica e militância, além de apresentar um panorama geral dos principais desafios que essas mulheres encontram na sua atuação enquanto estudantes, pesquisadoras, profissionais, militantes, mães e cuidadoras.

Nas considerações finais, denominada “O que fazer frente aos desafios permanentes? Companheiras, de mãos dadas, seguimos!”, apontamos as perspectivas futuras do Coletivo e como estamos avançando nos debates fundamentais sobre mulher/gênero nos espaços acadêmicos, na perspectiva de superar o machismo, o racismo e o patriarcado.

### **A construção Coletivo de Mulheres da Rede DATALUTA**

O Coletivo de Mulheres da Rede DATALUTA atualmente é composto por mulheres de várias regiões do Brasil que atuam como: pesquisadoras-militantes, militantes-pesquisadoras, pesquisadoras em universidades estaduais, federais e também em outros países da América Latina, como a Argentina. Atuamos nas ciências humanas de maneira interdisciplinar e nos dedicamos, dentre outras temáticas, ao estudo da Questão Agrária. Estamos em diferentes

estágios da formação acadêmica, abrangendo tanto mulheres que estão em fase de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, quanto as que concluíram sua formação acadêmica e que já atuam junto ao ensino, pesquisa e extensão como professoras universitárias. Além de estarmos organizadas coletivamente dentro dos espaços de pesquisa das universidades, muitas de nós atuamos também como militantes de movimentos estudantis, de luta pela terra, movimentos urbanos, de luta contra os agrotóxicos, indígenas, movimentos feministas, Redes, Coletivos, Fóruns, Frentes, Observatórios, Associações, dentre outros.

Nosso Coletivo surgiu oficialmente em 2020, em plena pandemia de Covid-19. Num momento em que a vida exigia cuidados e onde o tempo atravessou outros ritmos e compassos, foi possível parar para ouvir, olhar, refletir e avaliar, com mais sensibilidade, nosso papel diante de uma Rede - considerada referência nacional junto aos de estudos e pesquisas sobre a questão agrária.

Nos permitimos, ainda que num contexto de grande preocupação mundial, pensar nos desafios que precisavam ser enfrentados e nos rumos das nossas ações. Estava em nosso horizonte a construção de discursos e práticas feministas, elemento estratégico para superar a base patriarcal e machista que alicerça nossa sociedade, aliado às realidades e identidades das Mulheres do Coletivo: mães, militantes, camponesas e da comunidade LGBTQIAPN+.

Ainda que 2020 seja o marco inicial, já havia aproximação entre as mulheres e até mesmo uma certa articulação, já que todos os anos, durante os Encontros Nacionais da Rede DATALUTA, era possível se reunir e tecer novas tramas para a conformação futura do que seria o nosso coletivo. Essa aproximação manifestava-se em inúmeras situações, em especial naquelas que envolviam questionamentos e repúdios acerca das relações abusivas que escancaravam o machismo no interior da Rede. A mais comum orbitava nos relatos feitos pelas companheiras, as quais denunciavam as condições de estudo e trabalho assimétricas em razão do gênero.

Aos poucos, a partir de cada experiência compartilhada nos encontros, continuamos juntas, descobrindo que as problemáticas fazem parte de uma estrutura muito mais complexa, que extrapola a experiência individual de cada uma de nós, e que perpassa o espaço institucional acadêmico. A indignação percorre várias dimensões: a natureza das atribuições desempenhadas nas atividades acadêmicas, as quais, sempre, sobrecarregam as mulheres; a representatividade na mediação e composição das mesas dos eventos; a adoção de referenciais bibliográficos majoritariamente masculinos; a timidez de estudos agrários sobre

gênero, feminismo e patriarcado; a presença do *mansplaining*<sup>5</sup> nos debates e encaminhamentos de propostas e, até mesmo, nas definições dos períodos e horários dos eventos, que, historicamente tem desconsiderado a demanda das mulheres, as quais sempre alertaram seus limites diante da extenuante jornada de trabalho (ALBUQUERQUE JORGE et al, 2022).

É em razão desse histórico que o pensamento de Simone de Beauvoir (2016) ainda se torna atual em pleno século XXI. A desigual e árdua realidade enfrentada é o que nos torna mulheres, ou seja, “não se nasce mulher: torna-se mulher”. Nos tornamos mulheres a cada instante que nossos corpos, mentes e atitudes são violentadas em diferentes espaços e territórios. Quando sentimos a invalidação de nossa capacidade intelectual, ou mesmo quando nosso corpo é sexualizado devido à condição de gênero; quando sofremos inúmeros momentos de opressão, desrespeito, assédio e silenciamentos discursivos. Nos “fazemos” mulheres quando sentimos a solidão de um pedido ou de um posicionamento adotado numa reunião de pesquisa ou trabalho sobre uma demanda que tente conciliar nossas incontáveis tarefas, ou mesmo pela incompreensão dos colegas frente à nossa exaustão com as demandas do trabalho produtivo e reprodutivo (FEDERICI, 2017; MIES, 2019).

Mas, também nos “fazemos” mulheres quando encampamos o Coletivo de Mulheres. Entendemos a urgência e a necessidade de avançar no debate sobre o feminismo e, como dito, em 2020, no XIV Encontro da Rede DATALUTA, inaugurou-se um espaço de fortalecimento, reconhecimento, participação, autonomia e acolhimento, ou seja, um espaço auto-organizado pelas mulheres. Neste espaço, buscamos dialogar, em primeiro lugar, sobre as realidades vivenciadas por cada companheira, constituindo um momento importante de depoimentos e análises de conjunturas de nosso papel enquanto mulheres em diferentes espaços. Em segundo lugar, dialogamos no sentido de construir ações concretas dentro do espaço acadêmico que nos proporcionasse a consolidação do nosso Coletivo, criando cronogramas, agendas, ações e atividades que envolviam participação em eventos, pesquisas militantes e publicações científicas.

Algumas estratégias foram traçadas, dentre elas, a proposta deste Dossiê. Embora aprovada pela Rede DATALUTA, o projeto não foi aceito em 2020 pelos editores do periódico escolhido na ocasião, fato que culminou em novas discussões e no próprio fortalecimento do

---

<sup>5</sup>Comportamento caracterizado pela ação de um homem em explicar algo de maneira simplista para uma mulher, geralmente em um tópico que ela domina e tem experiência (SOLNIT, 2014).

Coletivo, que entendeu a recusa como um elemento motivador para a continuidade do projeto e da existência do próprio grupo.

Como um dos primeiros resultados dos nossos desconfortos durante o contexto de pandemia e das resistências vividas por outras companheiras que acompanhamos no *fazer* acadêmico e na militância, em 2022, trabalhamos juntas e publicamos o primeiro texto escrito por várias *mãos*, no qual apresentamos uma discussão sobre as ações das mulheres ligadas aos movimentos socioterritoriais durante o período do Covid-19 (JORGE *et al*, 2022).

Partindo dessa trajetória recente, mas vigorosa e potente, é que observamos a necessidade da construção de estudos que centralizem os feminismos e as estruturas patriarcais que ainda perduram. Assim, o presente dossiê foi dirigido a todas as mulheres da comunidade acadêmica, coletivos e movimentos mistos ou de mulheres que agreguem à construção da leitura popular, geográfica e das ciências humanas e sociais. Lançamos um projeto coletivo sobre a produção feminista do conhecimento e dos espaços-territórios do campo. Essa produção inclui práticas que reconhecem e legitimam o trabalho das mulheres dentro e fora dos espaços acadêmicos. Partimos da compreensão de que o trabalho das mulheres é fundamental na produção e reprodução da vida na sociedade atual, fazendo-se necessária uma leitura interseccional a partir de questões como gênero, raça e classe.

É um convite para dialogar em torno dos temas centrais que têm ocupado as pesquisas de mulheres, concentrados nos eixos *Movimentos Socioespaciais/Socioterritoriais e Ativismos; Patriarcado, Feminismos e questão de gêneros*. Como um projeto que tentou abarcar a diversidade, compreendendo que as atividades acadêmicas ganham mais *vigor* quando se entrecruzam com os saberes e conhecimentos populares, além dos artigos, também comparecem nesse dossiê relatos de experiências, fotografias, resenhas, diálogos, poesias e textos livres. Tais expressões evidenciam as experiências de resistência e luta na defesa da vida, atravessadas pelas distintas identidades de classe, étnico-raciais, gênero e sexualidades e que sustentam o sentir-pensar-produzir territórios no campo brasileiro e latino-americano.

Ao nascer no interior da Rede DATALUTA, nosso Coletivo traz em seu escopo uma visão de mundo baseada numa concepção marxista que centraliza sua leitura na compreensão do espaço agrário a partir das contradições; avançamos na compreensão de que as desigualdades são engendradas pelo desenvolvimento do modo de produção capitalista não só no campo, mas em diferentes espaços, corpos e territórios. Compactuamos com o Paradigma da Questão Agrária (PQA) que compartilha uma visão de mundo edificada na luta de classes, de (re)criação e apropriação da riqueza produzida pelos povos do campo, das águas, das florestas e originários,

aproximando-nos de questões que tentam superar o modelo excludente capitalista (CAMPOS, 2012; BUSCIOLI, 2016). Também, agregamos outras leituras que nos permitem compreender os *entronques* entre as matrizes de opressão colonialismo-racismo-patriarcado e que garantem a permanência da reprodução do capital e seus aprofundamentos (CRUZ-HERNÁNDEZ, 2016, 2020).

No interior da Rede as análises têm se concentrado nos problemas estruturantes do capital, propondo mudanças rumo a um novo modelo de sociedade, pautado na justiça social, no direito de acesso à terra e aos bens comuns. Sua perspectiva exalta camponesas e camponeses como sujeitos ativos na luta, por isso, não se limita à lógica do capital, e sua perspectiva está na transformação, no enfrentamento e na superação, sendo a luta pela terra e a defesa da vida uma luta contra o capital. Contudo, ainda que compartilhem de um paradigma crítico, e que esforços sejam feitos nos coletivos de pensamento, é preciso avançar muito, uma vez que a maioria desses coletivos são compostos, majoritariamente, por homens, apresentando uma estrutura patriarcal e machista que necessita ser superada. Assim, entendemos que junto com o capitalismo, urge que sejam rompidas velhas estruturas, estas emaranhadas numa sociedade conservadora e neoliberal que ainda é repleta de desigualdades de gênero que continuam oprimindo e violentando mulheres no mundo todo.

Não obstante, também é preciso destacar que os estudos sobre o campo ainda emanam uma visão muito restrita dos temas de pesquisa, os quais, quase sempre, invisibilizam e ocultam os espaços construídos pelas mulheres. Por isso, a publicação deste dossiê indica que um movimento de intensa transformação foi iniciado, mas, como parte de um movimento dialético, ainda há muito a ser construído, desconstruído e destruído. Com o Coletivo, fortalecem-se as mulheres desses grupos, mas também tantas outras que se somaram nesse projeto. Constroem-se parcerias, estudos, pesquisas, reuniões, redes de apoio e visões de mundo que buscam humanizar a universidade, um espaço caracterizado pelo mito de uma ciência despojada de ideologia, mergulhada na neutralidade e na imparcialidade, distanciando-se da concretude da realidade. Com isso, também se fortalecem outros espaços, pois ainda que nossas reflexões possam ser encaradas como secundárias, busca-se romper com discursos, práticas, pesquisas e posturas fundadas no patriarcado.

Assim, *fissuras* desse tipo, criadas no interior de espaços acadêmicos e/ou militância, revelam as contradições. Concebidas por muitos como um ruído incômodo num primeiro momento, pouco a pouco, vão sendo encaradas com seriedade e respeito, a partir da desconstrução de ideias e posturas. Desconstrução essa que implica, necessariamente, em



romper com o machismo que oprime, explora e violenta, para construirmos, desde dentro, coletivos de pensamento mais sensíveis, humanos, respeitosos e plurais e que se comprometam a encampar conosco, definitivamente, a luta contra o capitalismo e todas as suas múltiplas expressões de desigualdade. Que não seja uma batalha, apenas, das mulheres, mas de todos os pesquisadores e militantes que compõem nosso coletivo.

Tais lutas trazem muito mais que o avanço acadêmico junto à atividade científica. Os debates feministas estão florescendo e, é claro, impactam decisivamente no cotidiano. Em nosso caso, inicia-se um coletivo que fortalece as pautas feministas e que vem interferindo nas dinâmicas de estudo, pesquisa e trabalho. Tendo como horizonte a emancipação, há um avanço quando: nos fortalecemos e nos encorajamos para falar em espaços onde, em um outro contexto, teríamos muito medo e receio; conseguimos, nos eventos, organizar um período do dia para debater nossas preocupações; organizamos uma publicação; passamos a ter consciência da sociedade patriarcal que vivemos e, em muitos momentos, dizemos *não* diante dos abusos sofridos; um grupo de pesquisa passa a incorporar o tema do feminismo junto aos seus estudos; a partir da nossa luta, pesquisadores homens tomam consciência de suas ações e se propõem a iniciar um processo de desconstrução; conseguimos alterar cronogramas de eventos ou sua hora para uma mãe pesquisadora conseguir participar e dialogar; enfim, quando a luta pela terra também se torna uma luta pela emancipação humana. Se fossemos listar, seriam diversos os avanços, mas ainda preferimos focar nos desafios a serem enfrentados.

### **Entre companheiras, nós somos!**

Somos majoritariamente mães, que precisam conciliar a rotina acadêmica/ profissional com o trabalho de cuidado com os/as filhos/as. Além disso, muitas dessas companheiras possuem outros familiares que são dependentes dos seus cuidados (pais, mães, tios/tias, avós). No dia a dia, algumas de nós contamos com redes de apoio, representadas por instituições públicas e/ou privadas (creches, escolas), amigas, vizinhas, avós, tias/os e profissionais pagos. Neste sentido, observamos que essa rede de apoio é composta, principalmente, por outras mulheres.

Após a realização de um levantamento interno realizado pela equipe organizadora deste dossiê com as mulheres que compõem esse coletivo objetivando entender quais os desafios que as mulheres enfrentam/enfrentaram em suas vidas acadêmicas, conseguimos

compilar um conjunto de situações intrínsecas à estrutura colonial, patriarcal, capitalista e racista em que se fundamenta a sociedade brasileira e que atravessa as nossas vidas (Figura 1).

**Figura 1** - Principais desafios enfrentados na vida acadêmica das Mulheres.



**Fonte:** Levantamento interno - Coletivo de Mulheres da Rede DATALUTA, 2023.

Como podemos observar na figura 1, as duas palavras que apareceram com maior frequência foram *maternidade* e *sobrecarga*. Entendemos que estas estão associadas, já que a demanda do trabalho de cuidado que as mulheres têm se interrelaciona, diretamente, com a necessidade das mesmas desenvolverem suas atividades acadêmicas.

Na análise dos depoimentos apresentados destaca-se a dificuldade de conciliar a maternidade com a vida acadêmica, seja no que diz respeito ao desenvolvimento das pesquisas, seja nas vivências na universidade, como na participação em eventos, viagens, reuniões e intercâmbios. Uma companheira, ao responder sobre quais os principais desafios, escreveu: “Conciliar a maternidade com a vida acadêmica: é impossível conseguir me dedicar exclusivamente à carreira acadêmica” (depoimento livre, 2023). Uma outra apontou: “Ocupar espaços na academia, sendo mulher, porque para nós mulheres ocupar os espaços significa estar muito mais sobrecarregada” (depoimento livre, 2023).

No contexto acadêmico, muitas de nós não consegue garantir uma certa produtividade sem comprometer sua saúde (mental, emocional e física). Para as mulheres que já exercem a

maternidade, a sobrecarga é uma constante, e para aquelas que desejam ser mães, muitas se veem obrigadas a postergar a maternidade diante das poucas ou inexistentes condições necessárias para garantir a sua permanência no ambiente acadêmico.

Obtivemos também relatos de companheiras que precisam desempenhar uma jornada tripla, composta pelas atividades acadêmicas, somadas ao mercado de trabalho e ao trabalho dos cuidados com idosos e/ou crianças. Ao mesmo tempo, precisam lidar com a realidade de invisibilização do seu trabalho pelas entidades financiadoras, orientadores e demais estruturas das universidades que possuem critérios únicos de avaliação, prazos e concessão de benefícios, sem considerar a especificidade em que essas mães estão inseridas.

Outros desafios recorrentes na nossa trajetória são: invalidação da capacidade de execução do trabalho, muitas vezes, aliada ao silenciamento constante; a desvalorização do nosso trabalho; imposições hierárquicas; perseguições; e assédios moral e sexual, além das discriminações sofridas pelas companheiras migrantes. Nesse sentido, as universidades e suas diferentes estruturas não fogem à regra da sociedade em que estamos inseridas, as quais reproduzem o padrão patriarcal-capitalista-racista.

Também na nossa atuação em diferentes coletivos, enfrentamos adversidades. Um dos principais é a auto-organização. Estamos em territórios distantes e lidamos diariamente com múltiplas vivências que nos aproximam enquanto mulheres, profissionais e militantes. Nossa atuação nos coletivos nos fortalece para a luta cotidiana, entretanto, nos encontramos sobrecarregadas em nossas atividades de trabalho e cuidado, o que tem nos privado de tempo para dar continuidade na construção nos espaços de partilha, de agendas de trabalho presenciais e até mesmo nos canais de diálogo virtuais.

Ademais, enfrentamos dificuldades em garantir a nossa participação efetiva nos encontros, debates e espaços coletivos. Para pessoas que são responsáveis pela demanda do cuidado, essa é uma atividade que envolve toda uma estrutura de apoio, seja ela remunerada ou não, que para a maioria de nós mulheres, não é factível. Somam-se a isso as práticas machistas no cotidiano da militância e do trabalho em que não há uma divisão justa das tarefas, ao mesmo tempo em que somos invisibilizadas.

## **O que fazer frente aos desafios permanentes? Companheiras, de mãos dadas, seguimos!**

Enquanto coletivo formado por mulheres que se dedicam à pesquisa acadêmica aliada à uma atuação militante, temos avançado, mesmo que timidamente, em alguns aspectos como: estabelecimento de parcerias com outras companheiras para produção científica; diálogo sobre nossas propostas de pesquisas com a finalidade de ter um olhar científico e crítico a partir da perspectiva das mulheres; construção de espaços seguros, nos quais podemos expor nossas demandas e inquietações; na auto-organização para construção de espaços, nos quais conseguimos divulgar e valorizar nossas pesquisas; na luta para que as ações de outras companheiras que não estão na academia, mas na militância e resistência em diversos movimentos socioespaciais e socioterritoriais, possam ecoar através de distintas estratégias.

Uma outra frente que avançamos recentemente foi a ampliação do debate sobre gênero no Encontro anual realizado pela Rede Dataluta. Desde a formação do nosso coletivo em 2020, realizamos nossos encontros fechados, nos quais só participavam as mulheres da Rede. Consideramos esses momentos de suma importância para a nossa auto-organização e, também, para o nosso fortalecimento interno. Entretanto, a partir do entendimento de que o debate de gênero precisa ser ampliado, portanto, realizado também com os homens, e da observação das demandas apresentadas coletivamente, em 2023, abrimos o nosso espaço. Realizamos um debate a partir da contribuição com palestras de companheiras militantes que apresentaram seus depoimentos e pesquisas. Essa experiência inaugurou um novo momento do nosso coletivo, no qual conseguimos iniciar um trabalho interno de aprofundamento para a compreensão das estruturas que compõem o debate de gênero na ciência e nas vivências cotidianas. Também, ratificou a importância de aprofundar e colocar em evidência as intersecções de raça, gênero e classe que atravessam a vida das mulheres.

Contudo, ao sermos mulheres de distintos lugares do Brasil e da América Latina e Caribe, pensamos no nosso coletivo como um espaço de atuação que vai além das estruturas acadêmicas e dos coletivos de pensamento aos quais estamos vinculadas. Portanto, seguiremos construindo outras pontes, caminhos e fissuras, para continuar avançando na construção de uma agenda própria e aprofundando cada vez mais nos debates e diálogos que desafiam a lógica patriarcal-colonial das instituições, mas que têm uma grande potência para nos ajudar a pensar o mundo e os problemas estruturais da sociedade em seu conjunto - desde nossas condições particulares de gênero, raça-etnia, classe, sexualidades. Consideramos que essa ampliação

seguirá nos fortalecendo e ensinando a caminhar numa *práxis feminista* que permita transformar as formas hegemônicas de se fazer geografia e (re)produzir saberes.

## Referências

JORGE, A. A.; BUSCIOLI, L. D.; BITENCOURT, S. O. M.; VINHA, J. F. de S. C.; FONSECA, R. O. da; PAULA, L. A. C. de; SILVA, H. C. G. M. da. Movimentos socioterritoriais, mulheres e doação de alimentos no Brasil: as campanhas de solidariedade como resistência durante a pandemia da COVID-19. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 17, n. 47 Out., p. 179–206, 2022.

BUSCIOLI, L. D. **Impactos e Resistências no Processo de Estrangeirização de Terras em Rio Brilhante (MS):** O Caso dos Projetos de Assentamentos Federais São Judas, Margarida Alves, Silvio Rodrigues e do Território Indígena Laranjeira Nãnderu. 443 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2016.

CAMPOS, J. F. de S. **Leituras dos Territórios Paradigmáticos da Geografia Agrária:** Análise dos Grupos de Pesquisa do Estado de São Paulo. 389 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2012.

CRUZ-HERNÁNDEZ, D. T. En un rincón de la frontera se teje la insurgencia. Territorios encarnados ante la (re)patriarquización. **Ecología Política**, n. 60, p. 16-23, 2020.

CRUZ-HERNÁNDEZ, D. T. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. **SOLAR Revista de Filosofía Iberoamericana**, ano. 12, v. 12-1, 2016. ISSN:1816-2924.

DE BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Volume 1. Fatos e Mitos. Trad. Sérgio Milliet, 3ra Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira Participações S.A, 2016. pp. 95-158.

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FRANCO-GARCIA, M. **A luta pela terra sob o enfoque de Gênero:** Os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2004.

FRANCO-GARCIA, M. **Sujeitos, feminismos e territórios**. In: Gênero e sexualidade: intersecções necessárias à produção de conhecimentos [Livro eletrônico]/Katemari Diogo da Rosa, Marcio Caetano, Paula Almeida de Castro (organizadores). Campina Grande: Realize Editora, 2017 (80 -94).

MAFFIA, D. Epistemología feminista: La subversión semiótica de las mujeres en la ciencia. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, v. 12, n. 28, jun. 2007.

CIRQUEIRA, D M.; GUIMARÃES, G. F.; SOUZA, L. F. de. Introdução do Caderno Temático “Geografias Negras”. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. Ed. Especi, p. 3–11, 2020.

MIES, M. **Patriarcado y acumulación a escala mundial**. Madrid: Traficantes de Sueños, Mapas, 2019.

NUNES, J. M.; ORNAT, M. J.; CESAR, T. R. A. de O. C.; JUNIOR, A. B. C. **Corpos e marcadores de desigualdades na análise geográfica: gênero, sexualidade e racialidade**. Em: Carmem Lúcia Costa. Espaço e diferença: abordagens geográficas da diferenciação étnica, racial e gênero. Goiânia: Gráfica UFG, 2018. [E-book].

SOLNIT, R. **Men explain things to me**. Haymarket Books, 2014.

VINHA, J. F. de S. C. Temas e paradigmas da Geografia agrária brasileira: contribuições do debate paradigmático aos estudos agrários. **Revista da ANPEGE**, Anápolis, v. 17, n. 34, p. 71-86, 2021.

### Sobre as autoras

**Silmara Oliveira Moreira Bitencourt** - Mulher, nordestina, nascida e criada no Semiárido Baiano, filha de camponeses, Mãe, Geógrafa, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Geografia, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Presidente Prudente/SP no qual desenvolvo pesquisa relacionada com os temas da questão agrária, convivência com o semiárido e movimentos socioterritoriais. Possuo Graduação e Mestrado em Geografia, ambos cursados na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Sou militante da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e do Centro de Convivência e Desenvolvimento Agroecológico do Sudoeste da Bahia (CEDASB). Integro o "Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária" (NERA) e a "Rede DATALUTA".

**Lara Dalperio Buscioli** - Mãe de duas crianças e um adolescente, pesquisadora militante atuando no campo da comercialização de alimentos agroecológicos em conjunto com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em Rosana (SP) e participa do Coletivo de mulheres da Rede DATALUTA. Doutoranda em Geografia na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" em Presidente Prudente (SP) na área de Geografia Agrária com orientação do Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes. Atua desde 2010 no "Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária" (NERA) e na "Rede DATALUTA" desenvolvendo pesquisas de análise conjuntural da Geografia Agrária brasileira correlatas ao processo de estrangeirização de terras, resistências produtivas por meio da agroecologia e seus territórios materiais e imateriais, bem como na luta dos movimentos socioterritoriais camponeses e indígenas. No ano de 2021 passou a atuar na "Rede Temática de Extensão em Resíduos Sólidos, Soberania Alimentar e Sustentabilidade Socioambiental" (REALSSAM), realizando análises sobre a soberania alimentar e territorial no Pontal do Paranapanema (SP). E em 2023, entrou para o grupo de pesquisa "Ruralidades y Territorios" na Argentina, realizando estudos sobre o campesinato argentino e agroecologia enquanto Estágio de Pesquisa no Exterior pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP) com orientação do professor Raúl Paz.

**Janaina Francisca de Souza Campos Vinha** - Mãe do Benício e do Emiliano, companheira do Tiago, pesquisadora/militante, feminista, nascida e criada em Santos (SP), filha de uma potiguar e de um mineiro, é formada em Geografia pela UNESP, campus Presidente Prudente. Ainda em seu processo formativo, migrou para o interior do Brasil e de lá não saiu mais. Vem se dedicando aos estudos agrários, sobretudo temas que abrangem o pensamento geográfico, movimentos sociais, luta pela terra e reforma agrária. Recentemente, em virtude do reconhecimento de que é necessário cuidar da saúde mental, vem tentando imprimir outros ritmos junto ao trabalho acadêmico e, assim, vem redescobrando os prazeres cotidianos da vida. Faz aula de zumba e adora dançar!

**Marcia A. Pertuz** - Mulher, migrante, geografa feminista e cozinheira. Formada na 'Universidad de Córdoba', Colômbia. Mestre em Geografia pelo programa em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe pelo IPPRI-UNESP. Doutoranda em Geografia pela UNESP- Campus Presidente Prudente, Brasil. Entre junho e novembro de 2023, realizei um estágio de pesquisa doutoral no Programa de Estudios e Intervenciones Feministas no CESMECA-UNICACH, em SCLC Chiapas, México. Me interesso nos estudos agrários, as epistemologias feministas, as violências no campo, os processos de defesa e luta pela vida-terra-territórios e as resistências femininas/feministas da América Latina e o Caribe. Experimento a cozinha como espaço de resistência, troca de afetos e saberes.